



Os Meios de Comunicação e o Processo de Modernização: as influências nos jornais paulistas¹

Renata Alves Ribeiro²

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo

Considerando o momento de transição da imprensa brasileira na década de 50, o trabalho pretende verificar como os dois principais jornais paulistas, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, foram influenciados pela modernização da sociedade. Sopesando as influências estrangeiras e a necessidade dos meios de comunicação acompanharem o processo de modernização do país, pretende-se analisar como o meio impresso sofreu transformações redacionais, visuais e editoriais, ao mesmo tempo em que se deu a profissionalização do jornalismo.

Palavras-chave

Processo de modernização; transição da imprensa; jornalismo brasileiro.

Introdução

A década de 50 foi um referencial de mudanças no Brasil. O país viveu, no pós-guerra, um processo de intensa modernização, com significativas alterações sociais, políticas e culturais. É neste contexto que a imprensa brasileira também se transforma: a modernização, que afeta a cultura e a sociedade brasileira, deixa suas marcas também na mídia, à medida que os principais veículos de comunicação sofrem reformulações tecnológicas e editoriais que sinalizam sua passagem rumo à profissionalização.

Havia uma grande movimentação nacional em busca de desenvolvimento e crescimento. Isso se deu em vários campos e de maneira notável. No jornalismo, a influência estrangeira passa a se dar pela adoção do modelo norte-americano, baseado na objetividade e imparcialidade. Os meios de comunicação em geral passam por um momento diferenciado, com a chegada da TV e da publicidade como principal fonte de recursos financeiros.

A maioria dos estudos sobre a modernização da imprensa brasileira centra-se nos jornais cariocas. Portanto, nota-se uma certa carência de pesquisas sobre possíveis alterações jornalísticas decorrentes do processo de modernização que tenham como objeto de estudo a imprensa paulistana. Daí a importância desta pesquisa que tem a finalidade de

¹ Trabalho para ser apresentado no XXX Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação.

² Renata Alves Ribeiro é estudante de jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde desenvolve pesquisa de iniciação científica, como bolsista, sobre o mesmo tema deste artigo.



descobrir supostas mudanças nos jornais paulistas aqui enfocados, cuja existência contemplava cerca de 30 anos, no caso da *Folha*, e 70 anos, no caso do *Estadão*.

Contextualização político-econômica

A década de 20 foi marcada pelo início do processo de industrialização no país, mais especificamente em São Paulo. Este processo traz a cidade para o foco é impactado pelas greves que o processo industrial provoca. A revolta em 1922 dos militares em Copacabana, o movimento tenentista de 1924, a coluna Prestes tudo isso foram geradores de insatisfação que apontavam para mudanças políticas nas próximas décadas.

Uma contradição da época foi a tentativa de viver uma modernidade sem modernização. O Modernismo na década de 20 era uma tentativa equivocada, segundo ORTIZ(1999). Temos a busca pelo moderno e, ao mesmo tempo um incapacidade estrutural deste processo.

Na década de 30, com a revolução há vestígios de esperança para uma democratização. No entanto, ela representa apenas a briga das elites pelo poder. Rompendo com a República Velha se instaura o Governo Provisório sob liderança de Getúlio Vargas. Nesta década foram abolidas as entidades legislativas centrando o poder no “inventor federal”.

Vemos nascer nesta época os primeiros movimentos de orientação ideológica como a Aliança Nacional Libertadora (ANL) – movimento popular de esquerda e os Integralistas – ativismo direitista baseado no fascismo europeu.

Antes mesmo de impor o Estado Novo, Vargas já vinha recebendo diversas críticas. Com a contenção das movimentações populares e a perda de terreno do liberalismo, Vargas se prepara para o golpe. Anunciadas eleições para 1938, os candidatos são Sales Oliveira, José Américo, Plínio Salgado.

No entanto, com a invenção de um trama comunista - Plano Cohen - há uma suspensão dos direitos constitucionais. Em 10 de novembro de 1937, em mensagem radiofônica, Vargas pede para ser deixada de lado a democracia dos partidos para a união do país: inicia-se o Estado Novo. Período ditatorial que perdura de 1937 a 1945 com grande repressão aos partidos de esquerda e direita, momento em que o Departamento de Imprensa e Propaganda atua junto ao populismo de Vargas.



O Estado Novo foi marcado por um ideal nacionalista, com forte intervenção federal na economia como idéia de unificação nacional. Com este ideal o governo buscava abafar o regionalismo e justificar algumas medidas governamentais.

O DIP, além de outras organizações, como a polícia secreta, foi usado como meio de persuasão e bajulação ao presidente. Esta propaganda estatal nos remete ao fascismo que ocorria na Itália. Havia também um programa paternalista – assistência médica, aposentadoria, pensões aos trabalhadores, fixação de salários mínimos etc. Os sindicatos, que surgem nessa época simbolizam o jogo de cintura político de Vargas, buscava agradar a classe trabalhadora, mas a mantinha sob controle. E se os sindicatos representam isso, muito mais o PTB (Partido dos Trabalhadores Brasileiros) criado por Gétúlio, que nunca esteve preso a partido específico. Observamos um governo “não-político” que visa a conciliação e manipulação.

A radiodifusão, que iniciava um processo de massificação e integrava o quadro urbano, é um dos meios, e muito eficaz, utilizado pelo DIP para vender uma boa imagem do governante, outro era o cinema.

O samba também foi um instrumento importante para o Estado Novo, com a criação de músicas populares que exaltam o Brasil. Por meio dele também se buscou a valorização do trabalho e da “ordem”, idéia positivista já utilizada décadas anteriores para contenção de revoltas e oposições. Nas propagandas do DIP Gétúlio é reverenciado como trabalhador, figura do antimalandro. As revoltas e manifestações eram tachadas de movimentos que atrasavam o capitalismo e processo de modernização. No entanto, não podemos deixar de considerar que muitos sambistas furavam o cerco da ditadura fazendo músicas que iam contra o governo.

É neste período de ditadura que Vargas faz grandes inimigos. A União Democrática Nacional (constitucionalista liberal), que teve esperança em 38 de eleger seu candidato, desde o golpe buscava um meio de derrubar o ditador e desencadear o processo de redemocratização do país. Sem dúvidas, havia desde o final da década de 20 um desejo por mudanças políticas no país ainda não saciadas.

A década de 40 é marcada pela 2ª Guerra Mundial, em que o Estados Unidos buscaram o apoio do Brasil, que por sua vez buscou beneficiar-se com ajuda financeira. Foi um momento de acordos político-econômicos entre os dois países e do início da forte



influência que os Estados Unidos, após vencer a guerra, consolidaria sobre o Brasil em diversas áreas, entre elas na imprensa, que será tratado mais adiante.

No início dos anos 40 Vargas prepara uma saída do governo autoritário para obter uma política mais aberta. Entretanto a oposição já vinha programando sua retirada do poder. Os filhos da guerra sentiram necessidade de mostrar por caminho mais diversos a rebeldia e engajamento político.

Em 1943 um grupo de intelectuais e políticos emitiu um manifesto pedindo redemocratização do país. Neste ano, em que deveria haver um plebiscito, as eleições são adiadas com a desculpa da Guerra.. Daí em diante temos uma seqüência de protestos e a oposição ao governo aumenta, a exemplo, temos a UNE que começou a fazer passeatas se opondo ao nazi-fascismo, o Manifesto dos Mineiros, entre outros.

Eleições são marcadas e começa uma grande mobilização política para redemocratizar o país, surgem e se refazem os partidos políticos. E, apesar de haver uma intensificação da aversão estadonovista, houve o “movimento queremista” que ambicionava a continuidade de Gétúlio no poder.

Em 1945 Gétúlio Vargas demitiu o chefe de Polícia do Distrito Federal e o substituiu por seu irmão, Benjamim Vargas, causando movimentação no Exército. Vargas é deposto pelos militares e volta à São Borja, mas não fica fora da política. Além de se preparar para retornar a presidência em 51, Vargas é eleito senador e deputado quando retorna ao Rio Grande do Sul.

José Linhares, presidente do Supremo Tribunal, assume o poder para entregá-la a Eurico Dutra, eleito presidente, em 46. Assim inicia-se uma nova fase “democrática” no país, que gera expectativas de mudanças, no entanto, não vemos a política Dutra em grande diferença daquela que fora adotada por Vargas, a começar pelo fato de ter sido mantido muitos cargos públicos designados por Gétúlio.

O período de 45 a 47 foi caracterizado por liberalismo econômico, controle cambial e adoção da política *laissez faire*. Houve uma política de importação e uma industrialização espontânea de 47 a 50, que levou o Brasil a crescer economicamente. O período é também marcado por apoio norte-americano.

Enquanto isso Gétúlio já se preparava para voltar. Se candidata às eleições de 50 pelo PTB, sem se desvincular de outros partidos. Em Adhemar de Barros, que se tornara



governador de São Paulo e criador do Partido Social Progressista, encontrou um forte reforço. Em outubro de 50 Gétulio Vargas é feito presidente, mas desta vez de maneira democrática, o que irrita a oposição, como poderiam eles protestar?

Os opositores mais fortes de Vargas eram o jornal “Tribuna da Imprensa” de Carlos Lacerda e a UDN.

Em janeiro de 51 quando assume, Vargas divulga a composição de seu “ministério da experiência”, reflexo de suas várias alianças políticas e seguindo uma linha mais conservadora. Havia um ideal nacional-desenvolvimentista muito presente no segundo governo, marcado por políticas públicas que visavam desenvolvimento.

“Os temas do progresso e da modernidade também eram candentes nesse período. Tratava-se de vencer a condição de subdesenvolvimento, batalha na qual a indústria era um elemento-chave.” (OLIVEN, 2001, p.8, acesso em 10, nov, 2006, scielo.br).

Os movimentos de nacionalização do petróleo já vinham desde os anos 40, mas em 51 Gétulio envia o projeto ao congresso e em 53 é criada a Petrobrás. Vemos nela e na criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, criado em 52, métodos governamentais de investimento em industrialização e crescimento econômico.

Sua política de industrialização preocupava-se mais com os problemas a curto prazo, o que acabava colaborando para o desenvolvimento industrial. A década de 50 foi marcada por dificuldades financeiras, havia um aumento no custo de vida que desagradava a classe média e a classe trabalhadora. No entanto, surtiam como ameaças as possibilidades de aumento de salários para os trabalhadores urbanos, pois a inflação estava alta e havia também uma dívida externa a ser paga. Foi tentando remediar estes problemas que Gétulio foi perdendo sua fama no final de seu mandato.

Houve na época uma divergência grande entre os militares. Eles se dividiam em dois grupos: os nacionalistas – a favor da estatização, contra o apoio aos E.U.A. na Guerra da Coreia e contra o capital estrangeiro; os democratas – a favor da privatização, queriam que o Brasil apoiasse aos E.U.A. na Guerra e eram anticomunistas. Sempre buscando agradar todos quanto fosse possível, ele tratava de hora agradar um e desagradar outro, o que também não foi bem visto.

Esta problemática entre o governo e o Exército acabou por culminar quando houve o atentado à Carlos Lacerda que acaba matando um integrante da Aeronáutica, Rubens



Vaz, que fazia a segurança particular do jornalista. O fato é que o assassino de Vaz recebera ordem de líderes da Guarda do presidencial.

A situação ministerial do governo se aperta em 53, devido a crise econômica. Diante dessa situação Vargas troca as pastas ministeriais, mantendo apenas um Ministro no cargo. O novo ministério traz alguma esperança, com o “Plano Aranha” e aproximação de Jango junto a classe trabalhadora. Ainda assim, o insucesso das medidas governamentais aumentam as tensões sociais.

A decadência de Vargas fica sem volta, com pouco apoio militar e com a oposição de grande parte da mídia, além da sempre presente campanha antigetulista da UDN, Getúlio se vê numa situação complicada quando Jânio Quadro, Ministro do Trabalho, aumenta em 100% o salário mínimo. Com esta situação ele o demitiu mas, mais tarde, ainda em 54, ele mesmo concede um aumento de 100% no salário mínimo, o que desagradou a classe média, os empresários e outros mais.

A oposição ao governo, sobretudo nos anos 53 e 54 foi assíduo, havia boatos de que Vargas queria implantar um república sindicalista como na Argentina, que causava uma oposição civil e militar, além do CPI do Última Hora, em que queriam provar favorecimento dos bancos federais em concessão de empréstimos a Samuel Wainer na criação de seu jornal. Havia também rumores de que Getúlio estava tramando um pacto com o Chile e a Argentina – Pacto ABC, que não tinha boa aceitação e acabou em um pedido de impeachment.

Assim se inicia os pedidos para que Vargas renuncie, mas ele diz que só sairá morto. E sua promessa se cumpriu, em agosto de 54 Vargas se suicida e deixa a carta testamento, e assim se consagra um mito no imaginário brasileiro, despertando ódio e amor até os dias de hoje.

Com a morte de Vargas, o vice Café Filho assume a presidência. As eleições presidenciais se aproximavam e havia todo um projeto da oposição para derrubar qualquer resquício varguista ainda existente. A tentativa de unir a esquerda ao centro falhou e Juscelino Kubitschek – que representava a continuidade da política varguista, ainda mais com Jango na vice-presidência – vence as eleições. Houve uma movimentação para impedir que Kubitschek assumisse legalmente. Temendo um golpe contra a posse do eleito presidente, General Lott, que era a favor da “legalidade”, dá um



golpe como garantia de posse de Juscelino. Assim, o que fora governador de Minas Gerais chega ao poder.

Juscelino Kubitschek marca ainda mais a idéia nacionalista de desenvolvimento e a modernização já integrante da política Vargas. A metade da década de 50 fica então marcada como um período de importante desenvolvimento econômico para o Brasil. Houve um crescimento notável, aumentou em 80% a produção industrial, de 57 a 61 houve um crescimento de 4% na renda per capita.

A partir de 56 Juscelino Kubitschek intensifica ainda mais o processo de modernização no país com sua política desenvolvimentista. Muito conhecido, o Plano de Metas, crescer 50 anos em 5, contava com um apelo aos investidores privados, incentivo para o investimento estrangeiro e uma ênfase no crescimento das indústrias. Havia a promoção de desenvolvimento econômico com empreendimentos importantes: BNDE, Petrobrás, Banco Nordeste, Plano Nacional do Carvão e Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia. O planejamento econômico era desenvolvido pela Assessoria Econômica da Presidência da República, criada por Gétúlio em 51.

Palavras como industrialização, crescimento e urbanização começam a dominar o campo político-econômico; por isso a economia voltava-se também para a inserção internacional. Havia no país inteiro uma mobilização nos campos sociais e um sentimento de nacionalismo ganhava espaço. “O espírito do novo, a vontade de mudança transcenderam as esferas econômicas e políticas e contaminaram o campo das artes e da cultura.” (ABREU, 1996, p.143).

“O historiador da cultura que um dia tiver a oportunidade de se debruçar sobre o período que vai de 1945 a 1964 decididamente não deixará de notar que se trata de um momento de grande efervescência e de criatividade cultural. É como se uma fase da história concentrasse uma soma variada de expressões culturais.” (ORTIZ, 1999, p.101).

Isto é percebido claramente quando vemos a arquitetura concretizando idéias revolucionárias e os grandes centros urbanos sofrendo transformações grandiosas. Algo de notável importância da época foi o investimento na construção de Brasília que trazia grande esperança e movimentação social, a expectativas pela capital que estava para nascer acabou por abafar muitos problemas setoriais que o governo ignorava. Foram convocados para projetar Brasília o arquiteto Oscar Niemeyer e o urbanista Lúcio Costa.



Na música, a bossa nova incorpora o jazz, o *bebop* dos norte-americanos, trazendo novos arranjos e artistas que se tornam marcos na música popular brasileira. A divulgação de novos gêneros musicais teve uma importância fundamental. A poesia obteve desdobramentos significativos com o concretismo e a poesia de crítica política. O teatro renovou sua temática social e política, além de lançar novos autores estrangeiros e nacionais. O cinema deu passos iniciais, apresentando e debatendo os problemas sociais e políticos do país numa nova linguagem cinematográfica, que levava o espectador a refletir (ABREU, 1996, p.14).

Houve na época um apego intelectual pelo desenvolvimento e um nacionalismo anticomunista, houve também uma repressão aos movimentos extremistas de esquerda e direita. Também foram importantes para a ampliação intelectual a criação de instituições como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb - 1955), além de grupos de estudos nas áreas de sociologia, antropologia e educação. Foi um nacionalismo no campo político que provocou essas transformações significativas na metade do século XX.

A classe trabalhadora esteve bem cuidada por Jango como vice, aumentos salariais foram concedidos e ocorria um controle sindical pelo governo. O mais difícil era agradar a classe média, que censurava o governo como corrupto.

No entanto, a política nacional-desenvolvimentista não esteve durante todo o mandato de Juscelino Kubitschek em plenitude, em 58 começa a subir a inflação. Em 59 houve um aumento salarial e junto um aumento no custo de vida que provocou um desequilíbrio de preços. Então, no final dos anos 50, cresce a oposição, o que leva a uma reação antiamericana na imprensa. Começa um ideal de independência econômica.

Transição da Imprensa

O Brasil já vinha sofrendo transformações desde o fim do século XIX como, por exemplo, o fim da escravidão e a instalação da República. Situa-se aqui um marco relevante para a imprensa, a passagem do artesanal para o industrial. O fato de o velho (artesanal) já não satisfazer e abrir caminho ao novo (empresarial) é considerado como momento de crise por SODRÉ (1999, p.391).



É nesta passagem do século XIX para o XX que as empresas jornalísticas começam a nascer, mudanças estas ligadas a ascensão burguesa e ao capitalismo principiante. Com o capitalismo se infiltrando no meio jornalístico gera-se uma facilidade na venda de opinião dos jornais. Neste momento também temos a chegada de novos equipamentos de impressão, como o linotipo, que imprimi colorido.

No início do século a literatura está muito próxima do jornalismo, então os escritores buscam nos jornais o que não tem nos livros: notoriedade e dinheiro. As relações capitalistas alteram a imprensa e a literatura.

Embora tenha se empenhado na campanha constitucional, os meios de comunicação, bem como outros grupos sociais se desagradaram das oligarquias rurais e foram participativos nos movimentos da década de 20 que culminaram no golpe de 30. No entanto, foram reféns desse próprio movimento quando perceberam que não se daria a democratização. Assim a imprensa sempre teve relação conflituosa com Getúlio Vargas e ainda mais Carlos Lacerda com seu jornal *Tribuna da Imprensa*. No Estado Novo, a mídia impressa existente passa por um momento de forte censura, em que era preciso do selo do órgão governamental, DIP, para publicação das matérias. Há um abafamento da oposição e ao mesmo tempo a criação de medidas criativas para criticar o governo. Neste momento, a imprensa alternativa cresce.

Assim, neste contexto de participação política dos jornais, ao mesmo tempo que o início a publicidade começa a ditar posições, vemos nascer um momento inovador na imprensa brasileira em meio a um período de transformações nacionais.

“O desenvolvimento da imprensa no Brasil foi condicionado, como não podia deixar de ser, ao desenvolvimento do país.” (SODRÉ, 1999, p.392). Assim, a metade do século XX foi marcada por transformações nacionais que, embora certamente acompanhassem um dinamismo mundial, possuíam também suas particularidades.

O jornalismo que até a década de 40 era intrinsecamente ligado à literatura ganha um caráter mais político até aproximadamente a década de 50, e pouco a pouco é substituído pelo jornalismo empresarial. É época de nascimento de jornais com arrojados projetos gráficos e editoriais, como *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*; de inovações técnicas, como o *Diário Carioca*, que adotou novas formas e foi o primeiro a utilizar



copidesque; da adoção de uma nova estrutura narrativa, com o *lead* e o chamado jornalismo noticioso.

De acordo com Lins da Silva as inovações nos meios de comunicação impressos brasileiros se deram por meio de profissionais que introduziram técnicas norte-americanas, tais como Samuel Wainer, Pompeu Souza e Danton Jobim (ABREU, 1996, p.15).

“Jornalistas brasileiros iriam estagiar em jornais ou universidades dos EUA e voltariam com teorias e técnicas que acabariam sendo adaptadas aqui. Foi a chegada do lead, do copy, do side, do off e pirâmide invertida.” (RIBEIRO, 1998, p.74).

O modelo referência até então era o francês, que foi paulatinamente enfraquecido. Este fato levou o jornalismo nacional a abandonar seu caráter crítico e de debate em favor de uma ênfase no fato objetivo, sem posicionamento pessoal. No livro *Jornalistas 1937 a 1997*, de José RIBEIRO, encontramos o seguinte depoimento de Pompeu de Souza:

“Os jornais eram redigidos na técnica de nariz de cera, fazendo especulações puramente subjetivas, filosóficas, uma sublitteratura (...). Implantei o copydesk e redigi Regras de Redação do Diário Carioca (...). O que eu pretendia era narrar o acontecimento não mais na ordem cronológica ou lógica, e sim na ordem psicológica para que tudo ficasse mais claro para o leitor.” (SOUZA, 1986 apud RIBEIRO, 1998, p.75).

A publicidade ganha espaço extremamente amplo nos meios impressos, como garantia de sobrevivência, já que se tratava também de um tempo em que manter um jornal requeria grande poder aquisitivo. Por isso os jornais passam a ser bancados na maior parte por páginas vendidas à publicidade, em sua maioria, internacional, o que não foi sempre bem visto.

A permissão de publicidade no rádio marca um ponto importante no processo de massificação da cultura, neste momento também há um aumento de publicações e tiragens dos jornais. Os empreendimentos culturais se expandem. As publicidade começam a gerar novas necessidades dando uma nova visão do mercado.

Os jornalistas, que em sua maioria tinham outra profissão (eram literatos, advogados, sociólogos, historiadores, até por uma questão de sobrevivência) têm a possibilidade, a partir de 47, de fazer um curso profissionalizante. A faculdade Cásper Líbero, primeira a integrar cursos de comunicação social no Brasil, abre o curso de jornalismo, o que



tende a afunilar daí em diante os “jornalistas”, até mesmo porque há uma nova estruturação no jornalismo. Este fato, a profissionalização do jornalismo, obteve críticas, já que grandes jornalistas não fizeram curso universitário.

Os jornais paulistanos *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*

O Jornal *O Estado de São Paulo* foi criado em 4 de janeiro de 1875 com o nome “A Província de São Paulo” por um grupo de republicanos. Foi pioneiro em venda avulsa, o que se tornou, mais tarde, algo comum. Ao final do século XIX, após sofrer reformas com o novo redator-chefe, Júlio Mesquita, era o maior jornal paulistano. Na Primeira Guerra Mundial, sofre represália da comunidade alemã, mas mantém posição favorável à causa aliada. Também durante a guerra, surge a edição vespertina, o “Estadinho”. Em 1927, quem assume a direção é Júlio Mesquita Filho. Em 1930 o jornal apóia a candidatura de Getúlio Vargas. No entanto, fica confiscado pela ditadura até 1945, sendo administrado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que o torna favorável a adversários de Vargas e crítico de seus simpatizantes. O jornal era caracterizado por admiração aos militares.

O jornal *Folha de São Paulo* teve seu início em 1921, com o periódico noturno “Folha da Noite”. Ganha em 1925 sua edição matutina, “Folha da Manhã”. Tem o atual nome desde 1960. Da mesma forma que o jornal do grupo *Estado*, opôs-se ao Estado Novo na década de 30. As impressões passam a ser feitas na rua Anhangabaú, em que é instalada uma rotativa Goss, de fabricação norte-americana. E passa a veicular o vespertino “Folha da Tarde” no final dos anos 40.

Ainda na década de 40, as *Folhas* passam a pertencer a um aglomerado político-industrial, deixando sua anterior filiação de cunho mais ruralista. Em 1945, passam a ser comandadas por Nabatino Ramos, que faz uma reestruturação visando diminuir a improvisação que caracterizava a atividade jornalística. Nesse mesmo período, notadamente a partir de 1948, o grupo *Folha* começa a adotar a objetividade jornalística com o “Programa Ação” que define como princípio básico a imparcialidade em política partidária e a defesa do interesse público (MOTA; CAPELATO, 1981, p.133).

“O diretor criou uma carta de princípios chamada "Normas de Trabalho da Divisão de Redação, para elaboração da Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite". Foi o primeiro manual de redação – contribuição de Nabatino para o desenvolvimento da imprensa

paulista, que não só influenciou a Folha, mas todo o jornalismo brasileiro.” (PAPIS, acesso em 20 nov. 2006).

No *Estadão*, em que Cláudio Abramo era secretário geral, foram feitas reformas na capa e na forma de cobrir as notícias; uma cobertura mais “científica”, com detalhes estudados, previstos e calculados. O espaço, disposição gráfica, passou a ser mais bem distribuído. Já na *Folha*, havia um grupo de profissionais que discutiam dia e noite mudanças no jornal, e foram ironicamente batizados de “turma da bossa nova”, apelido que teve origem devido ao momento que a bossa nova era usada na música para expressão política (RIBEIRO, 1998, p.75).

Na década de 50, período considerado neste projeto de pesquisa, os jornais paulistas estavam passando pelo impacto da criação do jornal Última Hora, fundado em 1952 e que teve forte repercussão e impacto no cenário jornalístico brasileiro. O jornal, criado com uma linha política de defesa do Governo Vargas claramente colocada, em poucos meses era campeão em vendas e aumentava sua influência, principalmente entre formadores de opinião. Além disso, já nasceu com um projeto gráfico bastante ousado - com o uso intenso de cores na primeira página; uma inovação para a época - e com uma orientação editorial plenamente inspirado no modelo norte-americano.

Todas essas transformações e inovações, tanto do Última Hora quanto dos outros jornais cariocas, repercutiram na imprensa paulista, ainda que, muitas vezes, se localize de forma mais contundente o seu processo de modernização a partir da década de 80.

Visão sociológica

Como visto no livro “Cultura Brasileira e Identidade Nacional” de Renato ORTIZ (2001), o Brasil é feito de um meio, um ambiente e uma raça diferente, que nos dá características específicas. Assim, ainda que aja uma tentativa de cópia de valores a aplicação se dá de modo diferente em cada país, e muitas vezes em cada localidade. Daí, não podemos denominar, por exemplo, o movimento integralista como o fascismo brasileiro, nem buscar na Europa um líder populista. Compreendemos, desse modo, que o fascismo é típico da Europa, bem como o populismo é típico da América Latina.

Fica inviável, portanto, dizer que nas primeiras décadas do século XX existia no Brasil um jornalismo tipicamente francês, mas sim que havia uma similaridade e uma busca brasileira por adequar-se ao modelo francês de jornalismo. Temos nas décadas de 20, 30 e 40 um jornalismo literário, político e mais subjetivo que nos remete àquele adotado



na França. E dessa mesma forma, na década de 50 o Brasil irá basear seus ideais jornalísticos no modelo norte-americano: a objetividade jornalística e novidades como o lide e a pirâmide invertida terão aqui no Brasil aplicações específicas e distintas que criarão um modelo tipicamente brasileiro.

Os anos 50 trazem consigo a retomada da temática da cultura brasileira, os isebianos tornam o período um importante momento intelectual e sociológico. Neste sentido vemos a área educacional/cultural se alargando, ou seja, o desenvolvimento não estava presente apenas no plano econômico, que era a ênfase governamental, havia uma inquietação intelectual, uma busca por desenvolvimento cultural brasileiro.

Em “A Moderna tradição brasileira”, também de ORTIZ, , observamos outro dado, o atraso não se dá apenas na economia, antes a própria chegada da indústria cultural é posterior nos países subdesenvolvidos como o Brasil. No final do século XIX mais que 90% da população da França e Inglaterra era alfabetizada, o que aumenta a vendagem de livros nestes países. Não havia no Brasil número relevante de vendas de livros, pois o índice de analfabetismo era muito grande e até a década 20 a literatura e jornalismo se misturavam.

Então, segundo ORTIZ (1999), não havia no Brasil a possibilidade de uma cultura de massa. E segundo ele a relação entre escritor e público se iniciou nos jornais. Temos na década de 50 uma cultura de massas ainda incipiente no Brasil, a chegada da TV ainda era novidade e o rádio, em seus anos dourados, era o primeiro a apontar uma cultura de massas.

Assistimos então se instalar no Brasil, como já dito anteriormente, um processo de modernização totalmente diferente do que fora nos Estados Unidos ou na Europa devido as condições e especificidade do país.

Resultados obtidos nos primeiros três meses de pesquisas

Os três primeiros meses centraram-se na busca de um referencial teórico mais abrangente e integral, para isso, como já proposto no cronograma de atividades foram lidos muitos livros para obtenção de uma fundamentação de teoria do jornalismo. As leituras já apontaram uma incerteza de mudanças notáveis nos jornais a serem analisados, que parecem ter sofrido maiores transformações no início da década de 60, e o trabalho está centrado na década de 50.



Foram feitas visitas ao Arquivo do Estado de São Paulo para levantamento de dados dos jornais a serem analisados nos meses seguintes. Assim se completou o eixo teórico acima disposto que baseará as análises que serão feitas nos meses seguintes.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de (org.). *A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BAHIA, J. *Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ática, 1990.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo político à indústria cultural*. São Paulo: Summus, 1987.

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S.Paulo (1921-1981)*. São Paulo: Impres, 1981.

OLIVEN, Ruben George. *Cultura e modernidade no Brasil*. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8571.pdf> . Acesso em: 10 nov. 2006.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São paulo: Brasiliense, 1999.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PAPIS, Paula. *Eleições 1950: A imprensa na campanha presidencial*. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/mt170420021.htm>. Acesso em 20 nov. 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *História e imprensa no Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO (tese de doutorado), 2000.



RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Memória de Jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa dos anos 50*. Estudos de Comunicação: XI Compos, 2003.

RIBEIRO, José Hamilton. *Jornalistas 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964*. 10.ed., 11. reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.